

# Revolução

## GOLPE FASCISTA O COMPROMISSO REFORMISTA

O ENCURRALAMENTO DAS UNIDADES  
REVOLUCIONÁRIAS DE LISBOA

A NEUTRALIDADE DAS UNIDADES  
PROGRESSISTAS

A CONCENTRAÇÃO DE TODAS  
AS FORÇAS DE DIREITA



**LIBERTEMOS  
OS  
MILITARES  
REVOLUCIONÁRIOS  
PRESOS**

**Páras  
de Tancos  
são traídos**

# Páras de Tancos são traídos

Os soldados pára-queadistas e cadetes ainda em aprendizagem — que, em número de várias centenas, formam a quase totalidade da população da Base-Escola de Tancos — demonstraram inequivocamente, durante o mês de Novembro, a sua firmeza em lutar por causas que consideraram justas e o seu espírito de corpo, embora se lhes possa assacar culpas de seguidismo em relação àqueles em quem, ingenuamente, depositaram confiança: meia dúzia de sargentos reformistas que não se importaram de vender a sua luta aos superiores interesses do PC que, neste caso e mais uma vez, são antagónicos dos verdadeiros interesses do povo trabalhador.

Na última tarde passada na BEPT, horas antes da rendição, os páras encontravam-se extraordinariamente desmoralizados, sem a convicção (e direcção política) necessária para o salto qualitativo de transformar uma luta profissional num processo de forte carga política, pela tomada do poder. Surgiram então posições aventureiristas reflexo do clima que se vivia. A falta de informação do que se passava no país — quando as únicas fontes eram a TV e alguns boatos desmobilizadores — precipitaram os acontecimentos que levariam ao abandono da unidade por parte das praças e da maioria dos sargentos e à prisão de três oficiais e seis sargentos.

A decisão foi tomada pelas comissões representativas de soldados e sargentos que, na véspera, se tinham deslocado a Lisboa, sendo obrigados a escolta militar no percurso entre Santarém e a capital, "por motivos de segurança". Foi o próprio major Pessoa — que assumiu o comando e é, agora, alvo de um mandato de captura — quem tornou pública aquela decisão num plenário muito concorrido. A sua intervenção não teve, no entanto, as características políticas que todos esperavam, preocupando-se mais em fazer um balanço das conquistas alcançadas na base, sobretudo desde o abandono dos 123 oficiais desejosos de manterem os seus privilégios de classe, do que em apontar novas formas de combate e de organização, mesmo exterior à Força Aérea. As inquietantes dúvidas sobre a involuntária participação dos páras como isca no golpe da direita radical e moderada e do reformismo não obtiveram, também, qualquer resposta.

O pensamento dos mais esclarecidos apontava, no entanto, para uma clara denúncia da traição pécépista, não renegando uma eventual participação na tomada do poder, mas, isso sim, numa manobra de gabinete para destruição da esquerda revolucionária militar e civil. Mesmo aqueles que, dentro da unidade, estariam ao corrente da jogada há muito que se terão arrependido dos seus designios, iniciando também eles a denúncia das actividades golpistas de organizações que, dizendo-se dos trabalhadores, mais

se preocupam em não perder um cargo ministerial num governo burguês ou meia-dúzia de posições num contra-revolucionário Conselho da Revolução, do que em criar condições para a Revolução Socialista.



Mais uma vez alvo de infame traição, os páras de Tancos choraram ao abandonarem a unidade que, desde há semanas, ocupavam. As suas lágrimas apontavam no sentido da realização de um importante trabalho de agitação política para que, não mais sejam possíveis enganos ou traições e o caminho para a tomada do poder se percorra com o seu militante apoio.

## Como foi a ocupação de Monte Real

A Base Aérea n.º 5 foi uma das unidades tomadas pelos pára-queadistas em 25 de Novembro. Do que vimos e ouvimos ficou patente toda a manipulação golpista da operação e o consequente aproveitamento da direita através de uma manifestação controlada reacçãoariamente. Os "páras" tinham chegado cerca das 8 da manhã, bem armados e dispostos a tomar pela força uma unidade onde a resistência de direita se sabia ser pequena. Isto indignou a maior parte do pessoal da B.A. 5, que era solidária com a luta dos "páras", no entanto "foi preciso" usar aquele aparato militar. Que sabiam os soldados pára-queadistas da finalidade da operação? Pouco, muito pouco e os protestos dos camaradas de dentro faziam ainda com que estivessem mais confusos a ponto de se sentirem intrusos, e ter sido, para eles um alívio quando, já noite retiraram. No entanto o mesmo não se passa com o capitão João Marçal comandante dos pára-queadistas nem com muitos dos sargentos que mantinham uma posição que era a destituição de Moraes e Silva e Pinho Freire segundo eles (em Monsanto tinham-nos dito que era preciso destituir todos os membros da Força Aérea no Conselho da Revolução. Uma coisa que ninguém

percebia em Monte Real, ou melhor muitos consideravam manobra, era o facto do capitão piloto Martins Jorge, conhecido reformista ter aparecido quando da entrada dos "páras" na Base, a dizer que tudo corria bem e que ele tomava o comando da unidade...

Embora ainda veladamente, sentia-se que os militares da B.A. 5 acusavam o Partido Comunista como o autor do golpe. Duas manifestações tiveram lugar junto à Base. A primeira com elementos afectos ao PCP e MDP-CDE apoiando os "páras", mas que abandonou o local para dar lugar a uma outra de simpatizantes do PS, PPD, etc. os quais foram agressivos e insultuosos destacando-se entre eles provocadores. Só viriam a dispersar depois da saída dos "páras" de Monte-Real.

Há dois pontos que se tornam necessários salientar: o primeiro é que não houve rendição dos pára-queadistas pois sempre dominaram militarmente a Base. Eles retiraram-se obedecendo provavelmente a ordens de Tancos. O segundo é o aspecto político. Era clara a manipulação de que mais uma vez os soldados pára-queadistas estavam a ser vítimas (bastava falar com dois ou três ao acaso para perceber isso).

## Militares presos em Custóias

*Majores — António Cuco Rosa, Nuno Campos de Andrade, Mário Batista Tomé, Dinis de Almeida, Capitães Luis Passoa, José Lopes Gameiro, Nuno dos Santos Ferreira, Francisco Paulino, António Pereira Modesto, José Rodrigues Andrade, Jerónimo Ferreira de Matos, Tenentes Vitor da Silva Godinho, Ernesto Ferreira Seriz, 2.ºs Tenentes Américo Rodrigues Soares, Luis Vieira Ferreira, Alferes João Roque Gomes, César Moura Silvério, Edmundo Monte-Ferro Martins, Flávio Sanches da Silva, Luis Pereira Lima, Ernesto Pina Parracho, Alexandre dos Santos Paiva, Joaquim Marques Roldão, João Ferreira Branco, António Rodrigues Morais, Aspirantes Albino Anjos Lopes, Cipriano das Dores Ricardo, Luis Noronha Botelho, José da Silva Gomes, 1.ºs Sargentos Joaquim Moura Pedro, Amadeu Coelho da Silva, Vitor da Cunha Luis, João Carrapato Saragoça, José das Dores Jacinto, Ernesto Batista Marreiros, Amândio da Alegria Patacas, Orlando Octávio Baixinho, José Gonçalves Morais, Renato da Silva Dias, Mário Guilherme Correia, Fernando dos Santos Cristo, Sargento Fernando da Silva Augusto, Furiéis Américo Gomes Carmona, José Costa Rodrigues, Ernesto Martins Ramos, Abel Esteves Lopes, José Lages Guimarães, José Maria dos Nascimento e 1.º cabo Pedro Manuel Figueiredo.*

*Esta a lista oficial. No entanto já no domingo se encontravam 94 militares presos em Custóias. Comparando com os 51 do comunicado oficial...*

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## O golpe visto por soldados dentro dos quartéis



# A POSIÇÃO DO RALIS DURANTE O DESENROLAR DO GOLPE

**REV — Como se situou o RALIS no desenrolar do golpe?**

**SOLDADO —** De início foram postos em prática esquemas de defesa, podendo ser alargados para passar a uma ofensiva caso fosse necessário. Acontece porém que com as tomadas de posição dos Comandos no aniquilamento das antenas do GDACI e COMRA e com a ausência do general Otelo no COPCON ou de alguém que o substituísse na coordenação dos movimentos das Unidades da RML, o avanço da EPC juntamente com a EPI fez-se e não teve praticamente reacção de nenhuma Unidade que se opusesse ao seu avanço. Isso originou que essas forças conjugadas com os Comandos intimassem o RALIS a tomar uma posição de neutralidade. Posição essa que veio a verificar-se porque deslocaram-se ao RALIS dois oficiais do EME com duas alternativas: ou o RALIS se mantinha quieto e a EPC que se encontrava a 5 km. da portagem não avançava, e o RALIS passava à disponibilidade todo o pessoal de soldados e milicianos, ou o RALIS seria bombardeado pela Força Aérea e atacado conjuntamente pela EPC e pela EPI. A primeira alternativa foi tomada pelo comando, ficando o RALIS entregue aos sargentos e oficiais do quadro. Entretanto foi retirado todo o material que se encontrava no exterior, desfazendo-se o sistema de defesa e aguardou-se no interior da Unidade o desenrolar de todo o processo.

**REV — Qual a posição dos soldados perante a neutralidade do RALIS em relação aos Páras?**

**SOLDADO —** Os soldados estavam enquadrados para avançar no apoio aos seus camaradas pára-quedistas, mas foram surpreendidos pela autoentrega de Dinis de Almeida que assim fez desmobilizar todo o pessoal. Na sequência disso, oficiais e sargentos reacçãoários começaram a tomar posições controlando a Unidade e provocan-

do divisões entre os soldados, divisões essas que estabeleceram o "granel" no regimento chegando ao ponto de ninguém se entender. As Confissões de Soldados foram extintas e efectuou-se saneamentos dos militares progressistas sem conhecimento dos soldados. Perante este desencadear ofensivo dos oficiais e sargentos reacçãoários os soldados foram surpreendidos por todas essas manobras, e depois de submetidos a uma "lavagem ao cérebro" não tiveram capacidade de resposta, facto este que não permitiu qualquer tomada de posição da sua parte.

**REV — Como se efectuou a entrega de Dinis de Almeida?**

**SOLDADO —** Sobre a entrega de Dinis de Almeida, ele em conversas anteriores frisava que quando se sentisse isolado nunca arriscaria a sua vida e a dos homens sob o seu comando. Ora, ele durante essa noite teve bastantes contactos e, por volta das 6 da manhã, saiu do quartel sem ninguém se aperceber, dirigiu-se para a Presidência da República onde se entregou. As razões que o levaram a fazer isso, não sei.

Sem o Dinis de Almeida na Unidade os oficiais reacçãoários pressionaram o comandante Leal de Almeida para não intervir e obedecer às ordens que lhe eram transmitidas. O comandante triu-nos totalmente, tomou atitudes que os soldados nunca imaginaram que ele conseguisse tomar e ao virar totalmente limitou-se a aguardar calmamente e a cumprir as decisões da presidência da República.

**REV — Pensas que neste golpe desencadeado pelo PC, se o RALIS tem saldo em apoio aos "páras" se se tem armado as Comissões de Moradores e de Trabalhadores o golpe poderia dar origem ao desencadear de um processo insurreccional, provocando a derrota do reformismo e da direita, e a**

**vitória da classe operária?**

**SOLDADO —** Sem dúvida! Se o RALIS tem saldo e devidamente enquadrado por Unidades de força do Exército e da Marinha e com os trabalhadores armados, as forças reacçãoárias seriam completamente devastadas. Acontece, porém, que o RALIS estava enquadrado militarmente pelo COPCON, na ausência de alguém que coordenasse as operações. Isso provocou o recuo por parte do RALIS. Estava-se à espera que outras Unidades saíssem e havia Unidades à espera que o RALIS desse o pontapé de saída. Se esse enquadramento existisse, pois tudo se teria desenrolado de maneira diferente.

**REV — Chegou a ser posto na Unidade o problema do armamento dos trabalhadores?**

**SOLDADO —** Tanto quanto sei não foi posto o problema. Só quando tudo estava já completamente perdido, sem possibilidade de recuperação, se falou na necessidade de armar os trabalhadores, mas aí o moral já estava bastante em baixo e a Unidade estava comandada por oficiais reacçãoários.

**REV — O RALIS tinha conhecimento de que se ia efectuar um golpe desta natureza?**

**SOLDADO —** Duvido que se soubesse alguma coisa. Eu fui totalmente surpreendido pelos acontecimentos e penso que os meus camaradas também.

**REV — Qual é a tua opinião sobre as consequências a nível militar que os acontecimentos deram origem?**

**SOLDADO —** É de lamentar que este golpe tivesse dado origem à prisão e fuga de militares que pelas suas posições dentro da estrutura militar seriam úteis à classe na perspectiva do desencadear da insurreição e da tomada do poder.

# ÚLTIMOS MOMENTOS DO COPCON

*Spínola criou o COPCON para ter uma força de controlo, que servisse de suporte ao poder. Para comandante escolheu Otelo Sarai-va de Carvalho, estratega militar do 25 de Abril de 1974, capitão nessa data e general em 25 de Novembro de 1975. Quando da tomada de posse Otelo aproveitou logo para insultar Silvério Marques que estava presente e os generais em geral pelo seu consentimento em relação ao fascismo. Logo aí, Spínola começou a ver que o COPCON talvez não servisse a burguesia e a 28 de Setembro deteve Otelo em Belém (dessa vez também isso fazia parte do golpe...).* Ao longo deste ano e meio o COPCON esteve sempre ao lado dos trabalhadores, ao lado dos explorados, por isso acabou a 25 de Novembro. Otelo e COPCON foram objecto de toda a espécie de calúnias, tentativas de manipulação, tentativas de aniquilamento, ao longo desta montanha russa em que, no processo revolucionário, as forças burguesas se intercruzaram com as forças revolucionárias.

Otelo e COPCON foram ambos objectivos a destruir nestes dois golpes entrecruzados — o de direita e o reformista — do 25 de Novembro. Muitos dos oficiais do COPCON estão presos em Custóias. O COPCON já não existe.

Registamos os últimos momentos daquilo — que foi o COPCON, relatados pela boca de um soldado, camarada que este nesta guerra provocada, tal como tantos outros.

**REV — Estiveste no COPCON durante o desenrolar das operações. Podes dizer qual o espírito que reinava nos camaradas e qual o desenrolar das operações.**

**SOLDADO —** Quando lá cheguei verifiquei a moral dos camaradas após a tomada do GDACI. Havia certo desespero relativamente ao apoio que se pensava que haveria e que não se verificou. A partir do

sentimento era de desânimo. Estava lá na força de fuzileiros a fazer a segurança que depois foi retirada.

**REV — Essa força de fuzileiros foi retirada por ordem de quem?**

**SOLDADOS —** Não sei mas estou em crer que foi por ordem do Chefe de Estado-maior da Armada.

**REV — Sabes se o COPCON tinha conhecimento do golpe ou não?**

**SOLDADO —** Esteve lá Dinis de Almeida, o COPCON tinha conhecimento da existência de possíveis movimentações do RALIS. Portanto suponho que saberia da existência do golpe. No entanto estava tudo à espera de uma posição do general Otelo que esteve retido em Belém e o que veio a criar uma situação de angústia que durou até ao fim.

**REV — Qual a posição de Otelo quando chegou ao COPCON?**

**SOLDADO —** Otelo só lá chegou após a dissolução do COPCON. Ele foi lá apenas para se despedir de toda a gente. Nessa altura já não havia hipótese de tomar outra atitude que não aquela que foi forçada a tomar.

**REV — Antes do desenrolar das operações Otelo não foi contactado para assumir posição no controlo das operações?**

**SOLDADO —** Nessa altura Otelo estava no Conselho da Revolução detido e impossibilitado de sair para ir comandar quaisquer operações.

**REV — Qual a reacção de Otelo quando chegou ao Alto do Duque, perante os acontecimentos.**

**SOLDADO —** Ele foi ao COPCON para se aconselhar com todos os camaradas em função das

*Continua na pág. 7*



*Paraquedistas no GDACI em Monsanto*

# POSIÇÃO DA IMPRENSA

«Expresso», 1/12/75

Interessa ver, quais as forças políticas empenhadas no golpe, e quais os seus comandos militares. No que respeita às primeiras é patente que partidos membros da FUR assumiram a direcção política pública do golpe.

Assim, o MES e o PRP, que emitem o importante comunicado conjunto do começo da tarde de 25, e não pararam mais de convocar os seus militantes para a defesa às unidades revoltosas.

Além destes partidos, notoriamente referenciados por comunicados e directivas de apoio ao golpe, militantes de outros partidos da FUR terão aderido, no momento inicial, a mobilizações de massa previstas pelos planeadores do golpe. Deste modo, contra alguns elementos civis, militantes da FUR foram passados mandatos de captura.

«República», 30/11/75

Em muitos sectores da cultura industrial de Lisboa, aparece uma versão que responsabiliza os «18 oficiais revolucionários» pelo que se passou e que, mais directa ou indirectamente, aponta algumas das organizações da FUR como as responsáveis pela aventura mal sucedida de 25 de Novembro.

No entanto, uma coisa parece certa: este não foi um «golpe» nem a «insurreição» da FUR. Independentemente da responsabilidade que algumas das organizações da FUR, nomeadamente o PRP e o MES, possam ter tido na difusão de posições objectivamente aventureiras, como a de que a insurreição armada estava na ordem do dia, o seu papel foi secundário e nunca de verdadeira iniciativa.

«O Jornal», 28/10/75

No capítulo das lições, os autores do malogrado golpe — e não nos referimos apenas aos militares — terão certamente percebido o aventureirismo da sua tentativa e o que a mesma poderá significar. Com efeito, todos os aventureirismos de esquerda conduzem, necessariamente, a um reforço da direita, tanto mais perigoso quando praticados num país que ensaia os seus primeiros passos na democracia. Esperemos que «a doença infantil» seja dominada. Esperamos que não voltem a ser proporcionadas às forças de direita tão nítidas oportunidades de se reforçarem e de se encaminharem para a reinstauração do fascismo.

Comissão política do PC, 28/11/75

Advertiu tanto dos perigos para a democracia da política de aliança à direita do PS e dos sectores moderados do MFA, como dos perigos da orientação e actividade divisionista e aventureirista de grupos e sectores que com o seu radicalismo ultra-revolucionário conduziam ao isolamento e descoordenação das forças de esquerda e ao seu arrastamento para confrontos condenados à derrota.

Comissão Central da UDP, 26/11/75

1 — A declaração de estado de sítio pelo general Costa Gomes e os graves acontecimentos que se seguiram ameaçam gravemente as liberdades e as conquistas do nosso povo desde o 25 de Abril. O processo de declaração de estado de sítio teve por justificação a movimentação de tropas paraquedistas. A luta dos soldados paraquedistas pela democratização na Força Aérea é uma justa luta que foi empurrada por aventureiros para um beco sem saída que está aproveitando as forças fascistas.

Há muito que a UDP vinha denunciando a divisão que os partidos governamentais vinham fomentando no seio do povo e alertando para o perigo duma guerra civil reacção. Também denunciámos os perigos das tendências aventureiras que procuravam com golpes militares a saída para pôr fim à ofensiva fascista. Pode comprovar-se hoje que esta política é justa, mas não é uma polémica que interessa agora. Hoje coloca-se uma questão a todos os antifascistas, a todo o povo: é a luta pela defesa das liberdades democráticas.

Comissão política do  
comité central da ORPC(M-L)  
Secretariado do comité central do CMLP

Os acontecimentos destes últimos dias mostram a razão de ser dos nossos alertas contra as tendências para responder ao avanço da direita com contra-golpes militares que só demonstram desespero. As duras lições destes últimos dias demonstraram que os marxistas-leninistas tinham razão em alertar contra o aventureirismo de certas forças políticas.

Comissão Executiva da LCI, 28/11/75

Enquanto isso, forças como o MES e o PRP, caíam em posições triunfalistas, confundiam a relação de forças a nível militar com a relação de forças social e pensavam ser possível fazer a revolução sem as massas e derrubar o estado burguês sem avançar primeiro na centralização e armamento dos órgãos de Poder operário e popular. Ou, o que é pior, pensaram que seria possível obrigar o PCP a fazer a revolução.



# POSIÇÃO DOS PARTIDOS

## «Revolução», 14/11/75

E perante esta conclusão duas hipóteses se põem à esquerda: ou um golpe militar ou uma insurreição. Pensamos que a hipótese do golpe militar, desde sempre acarinhada pelos sectores mais à esquerda do reformismo sairá derrotada a curto prazo e que a insurreição armada é a única possibilidade do triunfo da revolução socialista.

A ideia do golpe militar de esquerda nasce com certa facilidade da situação actual. Conhecendo a fidelidade de grande parte dos oficiais do Exército e da Marinha ao processo revolucionário e conhecendo também a posição que têm ao nível do Comando das unidades, fácil é pensar num esquema que se baseie na saída concertada dessas unidades, numa solução do tipo da do 25 de Abril. Essa hipótese esquece no entanto que os quartéis não são só oficiais mas também soldados, que já não são tão dóceis como os do 25 de Abril e esquece o papel fundamental das massas trabalhadoras armadas.

Ora o poder actual é fácil de derrubar e de substituir, o que não é fácil é de aguentar e defender um novo poder revolucionário que se instale e que terá que se haver com todas as dificuldades duma situação económica, social, política e militar que não se resolve nem por milagre nem por encanto. Por isso é necessário envolver neste processo largas massas trabalhadoras, que não estarão presentes apenas para aplaudir e apoiar um golpe de oficiais mas para serem elas próprias os sujeitos desse processo, suficientemente autoras da tomada do poder para que este fique com órgãos representativos dos trabalhadores e para que na construção da fase que se segue as populações trabalhadoras se sintam envolvidas na resolução dos problemas económicos, sociais, políticos e militares. Se assim não for e se o golpe militar apenas substituir pessoas no aparelho de Estado, numa nova tentativa de dirigismo, a batalha será perdida a curto prazo, porque o novo poder não será capaz de resolver os difíceis problemas da produção económica, nem dos ataques da direita interna e externa.

Ao contrário disto a insurreição envolve largas massas trabalhadoras, e envolve os soldados, possibilitando assim que a tomada do poder seja já o início do processo de base que tornará possível a revolução socialista.

A insurreição é a movimentação concertada de três frentes: a dos quartéis, a dos trabalhadores armados e a dos militantes revolucionários.

Esta é a informação a que ficamos reduzidos, após este golpe de direita. O "Expresso" e o "O Jornal" são unânimes nos seus vários artigos de análise da crise em considerar que se tratou de um golpe da "extrema-esquerda". O "Expresso" não hesita mesmo em colocar um carimbo "MES-PRP". Este carimbo faz parte da provocação e golpe de direita. Mas o mais espantoso é que o "República" também aceite a versão de que houve "aventureirismo", ponderando embora os "póses" dos protestos anti-fascistas (que também ficava mal que não pusesse), o jornal "República" tem assim a desdita de ser manipulado e

chegam ao cúmulo de servir de eco à contra-revolução. O jornal "República" cuja rotativa foi paga em subscrição pública serviu até certa altura, após o 25 de Abril, o Partido Socialista. Depois tornou-se o símbolo da luta dos trabalhadores e uma esperança de que pudesse existir um jornal com informação revolucionária. A breve trecho se percebeu que passou a ser terreno das mesmas manipulações que decorrem em relação à classe operária. Por fim e para culminar, o "República" aceita a versão oficial do golpe do 25 de Novembro, dá sentenças ridículas sobre o "aventureirismo" e omite os comunicados dos partidos vis-

dos na esquerda revolucionária. Esperar a assim escapar à avalanche fascista? Como sempre o oportunismo não paga e o "República" ou viverá se for revolucionário (logo diferente do que é hoje) ou morrerá contra-revolucionário, triunfe a direita ou a esquerda.

Mas não é só a imprensa que aceita a versão oficial.

Os comunicados dos partidos testemunham as suas posições.

É assim que o PCP fala do "radicalismo ultra-revolucionário" e atrai para cima da esquerda revolucionária os "confrontos" que ele próprio provocou na sua

concepção golpista. Que ele provocou e que ele traiu.

E as organizações "M-L" seguem-lhe o caminho, nisto como em muitas outras coisas. A UDP, a ORPC (m-l) e o OCMLP repetem, em parágrafo que poderiam seguir-se no mesmo comunicado as críticas ao "aventureirismo" e aos "golpes".

Quem dá direito a esta gente de falar em "aventureirismo" e em "golpes"? Tal como em Berlim os oportunistas apontam o comunista ou o judeu e dizem — foi ele quem incendiou o Reichstag!, sabendo que foi Hitler que o fez, para ter um pretexto de liquidação dos comunistas e dos judeus. Este é o

gítimo considerár categoricamente contra-revolucionária, com todas as implicações que tal qualificação comporta. Os cidadãos exigem tranquilidade e segurança e o país precisa de produzir para fazer face à extremamente grave situação económica em que se encontra.

Tendo em vista os tão graves acontecimentos que estão ocorrendo e as suas profundas implicações na vida nacional, apela-se a toda a Nação no sentido de, através da sua serenidade e consciência cívica, cumprir com rigor as determinações superiores, certos que estamos com a determinação das Forças Armadas e o generalizado apoio do povo português não poderá jamais a nossa revolução ser perturbada por forças irresponsáveis e contra-revolucionárias. Se se interrogar sobre o patriotismo e qual a devoção à causa pública desse conjunto de oportunistas e falsos revolucionários ao lançar o país na convulsão que temos vivido, em absoluto prejudicial à edificação da justa sociedade socialista que ambicionamos. Terá também todo o direito de condenar a atitude, assumida colectivamente por esses elementos e pelos grupos políticos e organizações irresponsáveis que os apoiaram, sendo le-

## Versão oficial

### «Punhado de aventureiros civis e militares contra-revolucionários»

#### O comunicado da P. R., na madrugada do dia 26.

Ao longo do dia de ontem, 25 de Novembro, foi o povo português assistindo, a uma sucessão de acontecimentos altamente perturbadores da vida política e social do nosso país.

Tais acontecimentos, que, desde há bastante tempo, vêm sendo estimulados através das posições assumidas por alguns órgãos de comunicação social, estão enquadrados num movimento mais vasto, que tem por fim desviar as suas directrizes essenciais a revolução iniciada em 25 de Abril.

A medida que estas adoptadas as providências que a situação impunha, foi o Estado-Maior General das Forças Armadas dando conhecimento público com o rigor e exactidão que são devidos ao esclarecimento da população. Assim, e apesar das limitações existentes e sucessivamente eliminadas, os portugueses verdadeiramente empenhados na construção pacífica de uma nova sociedade, tiveram possibilidade de se aperceber como um punhado de aventureiros civis e militares contra-revolucionários, explorando, em clara manipulação, a ingenuidade de alguns, lançando o país num clima de efervescência e inquietação em absoluto inadmissíveis.

...em, no entanto, essa mesma população, todo o direito



## O golpe visto por soldados dentro dos quartéis

# «REVOLUÇÃO» ENTREVISTA UM SOLDADO DO REGIMENTO DE POLÍCIA MILITAR

REV — O RPM tinha conhecimento da existência de algum golpe, antes de ele se iniciar?

SOLDADO — Não me parece que a nível de praças houvesse qualquer conhecimento do que se ia passar, pelo menos ao nível dos camaradas que estavam comigo e eu próprio não desconfiávamos de maneira nenhuma do que se iria passar. A nível do comando já não posso dizer o mesmo visto que não tinha acesso ao Gabinete do Comando e não sabia das suas informações.

REV — Qual a posição da P.M. quando tiveram conhecimento do desencadear da acção que mais tarde se veio a confirmar golpista pela parte do PC e da direita contra a esquerda revolucionária?

SOLDADO — Como sabes a PM era composta por duas unidades que se juntaram: Lanceiros 2 e Cavalaria 7. Os recrutas e o esquadrão de reconhecimento de cavalaria estão em Cavalaria 7, logo como recruta estava aí e o resto do pessoal estava em Lanceiros 2.

As 6H. o major Campos de Andrade e o major Tomé vieram à Cav. 7, reuniram o pessoal para nos comunicar que tinham estado chaimites à frente da PM. O Campos de Andrade é que falou e disse que tinha falado com esse pessoal dos comandos, verificou que eram todos mercenários e que lhe tinham dito que estavam ali por ordem do P.R. O major disse-nos que lhes tinha feito um ultimato para eles desaparecerem da frente da PM ou que nós abríamos fogo. Nessa altura desencadeavam-se já as primeiras acções pára-quadristas. Tivemos ordens do major para estarmos de prevenção rigorosa (com 5 carregadores cada um, andar com a arma para todo o lado) que tínhamos de estar preparados para uma confrontação, mas que em princípio não se deveria dar, não se sabia ainda bem o desenrolar dos acontecimentos mas que na altura a correlação de forças era a nosso favor pelo menos ao nível da RML. Ele referiu-se inclusive, se bem que a F.A. estivesse do lado do inimigo e contra os pára-quadristas nós tínhamos também aviões que estavam do nosso lado. Ele referiu até o número dos aviões e a possibilidade do sobrevôo de parte a parte por cima da PM.

REV — A prevenção rigorosa em que vocês entraram foi voluntária por parte da unidade? Porque só houve ordem para entrarem de pre-

venção por parte do EMGFA na tarde de terça-feira.

SOLDADO — Sim. A unidade estava de prevenção rigorosa quando nós lá chegámos. Ouvi dizer que o COPCON tinha dado ordens de prevenção rigorosa, mas não tenho a certeza se é verdade. Este foi o último contacto que tivemos com o comandante de Cavalaria 7. O major Tomé praticamente não disse nada durante essa alocução e eles regressaram a Lanceiros 2. A partir daí estivemos cortados de toda a espécie de informações. As únicas que tínhamos era através da rádio e dos "romios" da PM. Nessa altura disseram-nos para descansarmos visto que tínhamos de estar operacionais no caso de haver uma confrontação.

Somos depois acordados com um violento tiroteio que vinha de Belém, corremos para a parada, aí o comandante do Batalhão de Instrução deu-nos ordem para tomarmos postos de defesa da unidade, não havia no entanto qualquer plano interno de defesa da unidade. Julgo que apenas existia um plano que incluía o cerco do bairro. Mas dentro da unidade não havia qualquer espécie de plano sobre posições que deveríamos tomar. Entretanto as rajadas disparadas pelos comandos passavam por cima do Regimento, algumas delas incluíam balas tracejantes. Vimos então civis a correr pela Calçada da Ajuda e a reunirem-se junto a Lanceiros 2, gritando de vez em quando "PM, PM — armas, armas". Os comandos tinham aberto fogo sobre os civis. Aguardamos nos nossos postos cerca de uma hora. Pouco tempo depois fomos chamados à parada e o capitão Gois, comandante do Batalhão de Instrução fez-nos formar em U e disse-nos ter recebido uma telefonema de ultimo: — ou nós nos considerávamos fiéis ao Presidente da República ou a aviação e outras forças "descascavam o regimento todo. O capitão pediu a nossa opinião havendo logo uma certa divisão entre os que queriam abrir o portão aos comandos e os que se opunham a isso. Pedimos que se entrasse em contacto com Lanceiros 2 para sabermos qual a sua posição. De lá informaram estarem fiéis ao Presidente da República. Eu e outros camaradas consideramos que só poderia ser um recuo táctico e que de imediato não haveria mais problemas e fomos nos deitar. Pelas 8 Horas da manhã fomos acordados por um toque de clarim invulgar e de repente começamos a

ouvir um tiroteio que começou com uma HK 21 pontado por granadas ofensivas. Na parada verificámos não haver qualquer espécie de directivas internas quanto a posições de fogo que devíamos tomar. O capitão Ferreira da Silva entra em conversações com os Comandos e logo diz-nos para depormos as armas. Nessa altura entram sargentos que tinham sido saneados armados juntamente com os Comandos. Depois de controlarem a Unidade mandaram-nos sair e fomos revistados, alguns de nós choravam de raiva ou de nervos por termos sido traídos.

Entretanto em Lanceiros 2 houve tiros de chaimite dos Comandos e granadas ofensivas reventavam na parada. Da nossa parte só foram disparados um ou dois tiros de baskoka visto que os nossos camaradas foram apanhados de surpresa (estavam num plenário quando começou o ataque).

REV — Quem iniciou o tiroteio?

SOLDADO — O tiroteio foi iniciado pelos Comandos através do "cantar" duma HK21 instalada numa chaimite.

REV — Durante este processo foi alguma vez posto o problema do armamento dos trabalhadores?

SOLDADO — Não! Nunca nos foi posto apesar de centenas de trabalhadores gritarem junto da Unidade: ARMAS! ARMAS! houve sempre recusa por parte do comando que tal se efectuasse.

REV — Pensas que se se tivesse distribuído armas às Comissões de Trabalhadores e se a Unidade em vez de tomar uma posição passiva tivesse saído coordenada com outras Unidades se poderia ter modificado o cariz do golpe PC e desencadeado um processo insurreccional vitorioso para a classe operária?

SOLDADO — Julgo que sim! Nós tínhamos possibilidades de esmagar a força de Comandos que nos atacou. Tivemos ordens de não disparar um único tiro (os únicos tiros da nossa parte, foram disparados pelas sentinelas). Havia camaradas que estavam sobranceiros aos Comandos e logo com possibilidades de os dizerem, inclusivamente uma chaimite estava em frente da porta de armas poderia ter sido destruída com tiros de baskoka não tiveram possibilidades de o fazer, porque o Comando tinha dado ordem de cessar fogo, quando nos preparámos para isso.

Os AML e os carros de combate em Cavalaria 7 estiveram prontos a sair durante toda a noite mas a ordem nunca chegou.

REV — Em que condições é que o RPM se rendeu e mais propriamente o seu comando?

SOLDADO — Em Lanceiros 2 houve uma conversa telefónica entre o comando e a presidência da República, tendo-lhe sido exigido a comparência em Belém. Como o Campos de Andrade se tivesse recusado a lá ir essa teria sido a razão que motivou a intervenção dos Comandos. Fez-se um plenário em Lanceiros 2 (antes do ataque) e o Campos de Andrade afirmava render-se, sem razão pois tínhamos poder bélico para derrotar aquela força de Comandos. Depois de 45 minutos de tiroteio travaram-se negociações para a rendição.

É de focar que havia traições por parte de elementos da Unidade que aparecem à frente dos Comandos quando da entrada destes. Houve até um sargento que estava de serviço (sargento da guarda), que retirou a segurança do posto situado na direcção da arma de Cavalaria. Foi assim que os Comandos entraram na Unidade.

REV — Qual a reacção das praças e milicianos quando o comando se rendeu?

SOLDADO — Tanto a nível de Cavalaria 7 como Lanceiros 2 a reacção foi de perplexidade porque sabíamos que tínhamos possibilidades de vencer a força militar dos Comandos. Houve grande desmobilização por parte dos soldados, por não compreenderem como é que o comando os traía daquela forma.

## COMISSÃO DE LUTA DA P.M. Comunicado

Após a tomada da P.M. pelos Comandos da Amadora e após o Regimento ter sido entregue, a Comissão de Luta da P.M., que continuou a trabalhar, emitiu o seguinte comunicado:

"A CLASSE OPERÁRIA, AOS CAMPONESES, AO POVO TRABALHADOR

A Comissão de Luta dos militares da P.M. vem dizer-vos que o relato dos acontecimentos feito pelos lacaios do fascista Jaime Neves é uma pura mentira.

Tudo é falso desde a história dos civis armados até à acusação de sermos nós que disparámos primeiro. A atestar este facto o major Tomé tomou a posição heróica de debaixo de fogo ter interrompido o tiroteio para evitar derramamento de sangue.

Este traiçoeiro ataque foi o segundo degrau (depois do GDACI) do golpe fascista em marcha ao qual estamos firmemente dispostos a resistir.

Nós apelamos a todo o povo trabalhador para não desmobilizar, para nas suas organizações populares se organizarem, e lutarem por todos os meios contra o golpe fascista.

Temos que exigir o levantamento imediato do estado de sítio e a libertação imediata dos oficiais progressistas presos.

Temos de desmascarar toda a falsa informação, que a coberto do estado de sítio avança com todo o tipo de calúnias e provocações.

O corpo do nosso querido camarada aspirante, BAGAGEM assassinado miseravelmente pelas balas assassinas foi desviado a fim de evitar uma justa homenagem popular. No entanto foi possível aos que se aperceberam do golpe prestar as últimas homenagens a este antifascista caído na luta pela defesa das liberdades democráticas.

Não podemos desistir da luta. Temos de responder aos golpes dos fascistas com a nossa organização e vontade de lutar.

HONRA AO CAMARADA BAGAGEM  
MORTE AO FASCISMO E A QUEM O APOIAR  
LIBERDADE IMEDIATA PARA OS OFICIAIS PROGRESSISTAS PRESOS  
FIM AO ESTADO DE SÍTIO

OPERÁRIOS, CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS UNIDOS VENCEREMOS

É esta capacidade de continuar a lutar, apesar das manifestações primeiro e das traições depois, que pode tornar possível a Revolução Socialista.

# INTERVENÇÃO DA TROPA "PARA,"

A intervenção das tropas paraquedistas ao longo do processo iniciado no 25 de Abril, ligou-os aos acontecimentos mais significativos deste mesmo processo.

Como tropas especiais altamente disciplinadas foram várias vezes manipuladas pela direita reacçãoária. A pouco e pouco, dotaram-se de uma forte consciência,

especialmente a partir da destruição do Rádio Renascença que os levou a assumir uma posição de contestação dos chefes militares, desde os oficiais da sua Unidade até ao CEMFA.

No dia 25 de Novembro, decidiram proceder à ocupação das Bases Aéreas. Esta sua luta foi integrada num plano que teve

como consequência um reforço da hierarquia e disciplina militar. Mas uma vez foram traídos.

Divulgaram por todo o país para esclarecimento da sua luta um comunicado onde esclareceram as razões da mesma. Empenhados revolucionariamente na luta pelos objectivos da Revolução Socialista foram pelos órgãos de "intoxicação" informativa, apelidados de contra-revolucionários.

No seu comunicado afirmaram:

"Nós paraquedistas estamos com a classe trabalhadora e intransigentemente na defesa dos seus interesses. Somos uma força revolucionária ao serviço dos explorados e oprimidos".

Isto assustou toda a direita reacçãoária e mobilizou-a para uma ofensiva em grande escala. Toda a burguesia tremeu e os atacou. As classes trabalhadoras compreenderam a sua luta e mostraram-se solidários com ela.

Mais adiante dizem:

"Afirmamos desde já que não se tratou de um golpe militar conforme estamos a ser acusados." E explicam:

"Não podendo aceitar mais as tomadas de posição do CEMFA, contrárias ao interesse do Povo Português, decidimos comprovar a nossa operacionalidade e disciplina revolucionária numa vasta operação de ocupação e neutralização das principais unidades da Força Aérea tendo em vista a contestação directa de um general, militar que se afasta com as suas decisões dos objectivos da Revolução Democrática e Socialista. As

ocupações foram efectuadas com total êxito tendo nós inclusivamente, a solidariedade da generalidade das praças e sargentos e oficiais progressistas das bases ocupadas.

A solidariedade manifestada pelos seus camaradas das unidades RML foi total e é explicado pelos paraquedistas no seu comunicado:

"A meio do dia 25 o CEMFA, general Costa Gomes, emitindo um comunicado cujo teor não corresponde à divulgação das nossas intenções leva-nos a confirmar as suspeitas de peso que a direita militar conservadora e tradicional tem no próprio C.R. e a sua influência nas decisões superiores. Para esclarecer o povo português na tarde do dia 25, decidimos emitir o comunicado explicativo da nossa justa luta. Esse comunicado, direito de resposta só foi possível ser lido na RTP mediante a solidariedade das unidades progressistas de Lisboa que, se colocaram ao nosso lado e deram o seu total apoio à nossa razão, para além das suas posições já assumidas de forte contestação ao VI Governo e à nomeação de Vasco Lourenço para CMDL da RML. É da mais elementar justiça divulgar que estas unidades progressistas de Lisboa se viram de repente atacadas pelo Regimento de Comandos da Amadora — Unidade contra-re-

volucionária fascista sem que se justificasse da parte dessas mesmas unidades qualquer operação golpista ou semelhante, como agora são descaradamente acusadas."

E denunciam:

"Golpe sim é aquilo que o Regimento de Comandos, essa unidade de mercenários, tenta executar, se não como é que se pode compreender que estejam a ser presos ou que tenham mandato de captura os oficiais e sargentos progressistas revolucionários com sobejas provas dadas na sua luta ao lado dos explorados e oprimidos deste país. Para o lugar destes militares estão a ser nomeados conhecidos reacçãoários.

A burguesia organizada atacou cobardemente unidades militares e pavoneia-se agora cantando vitória.

Os operários, os camponeses, os soldados e marinheiros cada vez mais claramente compreendem que só reforçando a sua organização autónoma (em comissões de Moradores, Trabalhadores e Soldados) e aumentando a sua coordenação criariam as condições para a tomada do poder e destruirão o poder burguês.

Agora mais do que nunca é tarefa imediata para a vitória da Revolução Socialista, UNIR, ORGANIZAR, ARMAR.

## ATAQUE FASCISTA À SEDE DO PRP EM SETÚBAL

Dia 28 encerramento da sede pelas 23 horas e retirada de todos os camaradas da sede.

Dia 29 pelas 24 Horas dois indivíduos saíram dum carro, ficando um terceiro ao volante. Os dois primeiros munidos dum coctail molotov introduziram através da janela do rés-do-chão a garafa que se incendia.

Os bombeiros não intervêm sozinhos, pedem auxílio à PSP que envia cerca de 20 polícias armados. É nesta altura que se começa a juntar um pequeno grupo de indivíduos, a maioria do PS, PPD e CDS a exigir que a sede fosse revistada alegando haver lá dentro armas e explosivos. A polícia disse que nada podia fazer e chamou uma força do Exército que chegou com cerca de 50 militares, três unimogs e uma auto-metralhadora pesada, que se pôs em posição de fogo apontando para o andar superior da sede. Entretanto a sede era completamente cercada pelos militares que se puseram em posição de fogo. A grande maioria eram graduados. Introduziram-se na sede e provocam arrombamento de todas as portas interiores na busca de armamento, enquanto os fascistas insistiam que vissem bem, pois havia lá dentro armas de certeza.

Introduzem-se ainda alguns civis para "ajudarem" na busca. Mais tarde chega um sargento à varanda e pergunta se estava algum militante do PRP; como não houve resposta abandonaram o edifício.

"Eram cerca das duas horas da manhã quando o espectáculo fascista terminou.

Caso curioso: Todos os dossiers relativos ao CDS, PS, PPD e outros grupos fascistas foram roubados (estes dossiers apenas continham comunicados), deixando lá um comunicado do CDS.

## ÚLTIMOS MOMENTOS DO COPCON

Continuação da pág. 3

propostas que lhe foram feitas pelo Conselho da Revolução.

No entanto afirmou solidarizar-se com os camaradas presos e disse que estava disposto a pôr os galões de major, posto a que tinha direito por promoção, e a negar qualquer das propostas.

REV — *Pensas que se o Oteló assumisse o comando das operações poderia ter modificado o rumo dos acontecimentos?*

SOLDADO — Sem dúvida que se Oteló assumisse o comando e desse ordens ao RALIS e aos trabalhadores para avançarem estou convencido que as coisas teriam tomado um rumo diferente. O Regimento de Comandos teria sido neutralizado e isso provocaria uma mudança radical no decurso dos acontecimentos.

REV — *Foi alguma vez proposto o armamento dos trabalhadores?*

SOLDADO — Sim! Houve alguém que propôs que os trabalhadores fossem armados em caso de necessidade mas nem isso foi efectuado.

REV — *Porquê?*

SOLDADO — Não sei, talvez por hesitação, talvez por desorientação.

REV — *Pensas que se as unidades militares tivessem armado os trabalhadores e se algumas unidades de força tivessem saído para a rua numa acção conjunta se teria desencadeado um movimento insurreccional vitorioso para a classe operária?*

SOLDADO — A nível da R.M. de Lisboa bastava o RALIS sair para dar apoio aos "páras" do

GDACI eliminando os comandos, logo deixaria de haver inimigo. Depois no decorrer do processo, com os trabalhadores armados e coordenados com as unidades revolucionárias, não existiriam forças burguesas capazes de parar o movimento insurreccional até à tomada do poder pelos trabalhadores.

REV — *operaçôdar.*

REV — *Como encararam os camaradas a dissolução do COPCON?*

SOLDADO — Quando se recebeu a notícia da dissolução do COPCON foi o fim de qualquer tentativa da reacção aos acontecimentos. Destruíu psicologicamente todos os elementos do COPCON e a partir daí nada mais havia a fazer, foi a debandada geral.

## EDITORIAL

para golpes militares, foram apanhados como ratos na ratoeira.

Em seguida, a versão oficial, a versão reformista e a versão maolista eram unânimes — os militares e os civis revolucionários tinham sido "aventureiros", "golpistas", etc; e tinham desencadeado a resposta da direita. A provocação fazia os seus frutos — cem militares, na sua grande maioria revolucionários dão entrada em Custódias,

No meio disto, os "9" foram a expressão política pública de uma situação militar que não lhes dizia respeito — dum lado, o golpe de direita dos coronéis, e do outro o golpe reformista. Passado o vendaval, feito o balanço da situação, os reformistas perderam muito, como todos os oportunistas. E mesmo os "nove" já se sentem ultrapassados. Agora o poder militar está nas mãos dos coronéis e os "nove" são considerados incómodos para a direita fascista ou fascizante.

Este caminho a passos largos para a tomada do poder e os sinais de fascistização são evidentes: na imprensa, na forma como se fazem prisões e

buscas, na própria expressão pública do poder — discursos, funerais, notas oficiais.

A burguesia social-democrata vai ser portanto de curta duração. A zanga entre os "nove" e o PS já é evidente. Este partido já se comporta como qualquer CDS.

Os "nove" não têm portanto base social de apoio, nem partido que lhes corresponda (os ex-MES não são partido, nem nada que se pareça), nem base militar. Também foram apanhados na ratoeira.

Por isso vai ser curta a duração deste período. Em seguida vem a direita mais feroz e assim sucessivamente.

Dizemos de novo e com mais razão — ou Revolução Socialista ou Fascismo. E ou fazemos a primeira ou o segundo é inevitável. Para a fazermos é necessário organização a todos os níveis e assumindo várias formas.

Mas é necessário desde já repôr de pé o Poder Popular, com todas as suas expressões, criando bastiões de luta.

A unificação e organização do Poder Popular é uma das condições necessárias para a insurreccção armada vitoriosa.

# Revolução

Composição e impressão: MIRANDELA &amp; C.ª — Trav. Congressal do Rio, 79 — Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

## EDITORIAL

Passados dez dias sobre o golpe que a direita fez em Portugal poderemos fazer uma apreciação mais desligada da "fita do tempo" que decorreu durante a última semana e mais perspectivada no sentido do futuro.

Com a força que era sabido que a esquerda militar tinha em Portugal poderíamos dizer que a CIA fez um golpe de mestre em Portugal, se não soubéssemos que esse golpe foi feito com a complicitade de forças ditas de esquerda.

Ninguém duvida que se a Marinha tivesse entrado em acção e se algumas unidades do Exército do Sul não tivessem ficado neutras, o golpe de direita tinha sido derrotado. Tiveram três dias para o fazer. Ninguém duvida: nem a esquerda, nem a direita.

Por isso podemos concluir que a direita só avançou para este golpe com a certeza de que a Marinha e essas unidades não invertinham. Certeza que lhes foi dada a que nível de compromisso e em que estrutura é difícil determinar. Compromisso nacional ou internacional? Compromisso com a parte ou com o todo dum partido? Compromisso ou traição?

Podemos no entanto concluir que essa compromisso passa também pelos Comandos da Marinha. Os "méritos" da eficácia do golpe de direita não são portanto para o Sr. Jaime Neves. Nem ninguém lhe passaria pela cabeça que uma só unidade militar, mesmo bem apetrechada, podia dominar um país. A unidade de Jaime Neves fez uma passeata pelo país e só combateu na P.M. (e pouco). Os "méritos" são para a CIA, que, essa sim, obteve os compromissos prévios. Este foi portanto um golpe policial e é como tal que tem que ser decidido.

De qualquer modo e seja qual for o nível e os pormenores do compromisso, ele tem o seguinte significado: o reformismo tentou evitar por todos os meios a insurreição armada e preferiu o regresso à direita do que o Poder Popular Armado.

É sabido que se criavam cada vez mais condições para a insurreição armada e que uma vez os trabalhadores no poder e armados, não haveria sobre eles o controle de qualquer partido. A direcção do partido reformista sabia que os seus dias estavam contactados, sob o ponto de vista de controle do que quer

que fosse. A direcção reformista está largamente ultrapassada e as bases fogem-lhe. Teve portanto que escolher entre a insurreição armada (dos outros) e o regresso atrás. Claro que este regresso atrás tem todos os nomes: "negociações", "solução política", etc. De qualquer modo a direcção do PC prefere os "nove" como companheiros de estrada aos "aventureiros" de esquerda. Com os "nove" pode partilhar o poder; com os "aventureiros" não pode.

Esta decisão-traição trás todas as rupturas imagináveis. De Norte a Sul do país os militantes de base do PC, no caso de ainda não terem percebido a orientação deste partido, apanharam-se de choque a 25, 26, 27 de Novembro. Acordam agora dum pesadelo. Tal decisão-traição tem mesmo reflexos ao nível da direcção desse partido a que não é alheio o comunicado da DORN reprimido pelo CEMFA.

É certo que os revolucionários sempre imaginaram que esse partido faria tudo para impedir a revolução. Nisso aliás não está sozinho. Todos os partidos stalinistas têm desenvolvido esforços para impedir a revolução. Os pretextos têm sido vários, desde a não "existência de condições" até à falta do "verdadeiro partido da classe operária". No fundo refletem o medo duma situação que não controlem como partidos, duma situação de Poder Popular, duma situação de revolução socialista, na verdadeira acepção do termo. E também não é por acaso que os partidos stalinistas, seja o PC, sejam os maóistas, falem de revolução democrática e nacional, de revolução democrática e popular, e nunca de revolução socialista.

Entretanto a direita cria "condições" e pouco importa à realidade objectiva que haja ou não o "verdadeiro partido da classe operária". Tudo se mantém identicamente sejam quais forem as interpretações e conclusões dos partidos stalinistas.

A direita fez portanto o seu golpe policial. Garantiu antecipadamente a imobilidade de determinadas forças, conseguiu impedir a existência dum comando. Os militares revolucionários, preparados para a insurreição e sem preparação



## O INÍCIO DO GOLPE FASCISTA — AS BARRAGENS DOS AGRÁRIOS

No dia 24 o golpe de direita começou na região de Cadaval — Rio Maior tal como estava programado no esquema golpe militar de direita há muito conhecido a vários níveis mas que estranhamente ninguém revelava. O golpe começou portanto no dia 24; já nessa altura deveria haver compromissos a alto nível de que as forças afectas ao PC não se moveriam. Em troca a direita não trocaria em certas figuras militares e nas estruturas da Marinha. Objectivo comum — aniquilar a esquerda revolucionária, militar e civil.

Assim que segunda-feira dia 24 às 18 H. os agricultores começam a fazer barragens que algum tempo depois cortam totalmente os acessos a Lisboa. A mais próxima é feita no Carregado. À noite em plenário cerca de 15.000 pessoas congregaram em Rio Maior participantes de 11 distritos (a organização vinha de longe...). A partir daí desencadeou-se a cruzada anti-comunista. O fabricante de mocas de Rio Maior aumentou a produção; a fronteira instalou-se com bandeira nacional a dividir "Portugal de Moscovo". Gonçalo Ribeiro Teles, do PPM, usava da palavra no plenário para demonstrar que os impostos cobrados no interior serviriam para fazer obras no litoral e dizia-se que "essa Cintura Industrial em que os operários têm todos automóvel é feito à custa de todo o interior".

Oito dias depois feito o balanço desta tempestade, há pelo menos um ponto que já foi ganho na lista de reivindicações aprovada em plenário dos agricultores e entregue ao P.R.: que não haja "violação do direito de exploração da propriedade privada". A burguesia reinstala-se.

## DINIS DE ALMEIDA — A RENDIÇÃO DAS 6 HORAS DO DIA 26. UMA DAS CHAVES DO ENIGMA

As 6 horas da manhã do dia 26 Quarta-Feira, Dinis de Almeida apresenta-se em Belém para se entregar. Não comunica a ninguém a sua rendição. Para os soldados do RALIS consta que desapareceu; para os companheiros "progressistas" ou "revolucionários" é o total desconhecimento da rendição. Aquele que era o real comandante operacional do RALIS e que dias antes dissera aos soldados "Juro defender a classe operária"..., entra em Belém. «Gloria aos vencidos» consta que disse... "Todo o vencedor é um herói, todo um vencido é um filho da puta". E confessou

Confessou o quê, como, de que maneira? Em Custóias o major Dinis de Almeida continua a clamar pela prisão deste e daquele. Consta que o major Dinis de Almeida não traiu a esquerda revolucionária por uma simples razão — nunca lá esteve.

As 6H. do dia 26 rendia-se em Belém este "vencido". O RALIS haveria de se aguentar ainda mais um dia. Mas às 8H. desse mesmo dia 26, o major Campos de Andrada, quando a PM foi atacada pelos Comandos apelou automaticamente para a rendição dizendo que o RALIS já se tinha rendido.

## LOURENÇO MARQUES, O CAPITÃO DAS «OCUPAÇÕES» ESTÁ PRESO EM CUSTÓIAS. NO DOMINGO ANTERIOR ESCAPOU DE UM ATENTADO(?)

Está preso em Custóias o capitão Lourenço Marques, oficial do destacamento do Alto do Duque, COPCON, conhecido em todo os bairros pobres e bairros de lata como um daqueles que sempre estiveram ao lado dos oprimidos. É ele o oficial que desde o início se encarregou das ocupações de casas, a ele recorrendo as Comissões de moradores, os ocupantes e... os ocupados. Até de madrugada, este jovem capitão aviador recebia bichas de pessoas no Alto do Duque que esperavam a vez de falar com ele. Nunca apareceu como um herói, como uma figura do poder, mas foi um daqueles revolucionários que trabalharam na sombra durante meses.

Pois é este homem que no domingo anterior, dia 23 é objecto de uma estranha cena na Penha de França. Constitui-se aí um tribunal Popular onde há várias discordâncias entre ocupantes e ocupados e onde vai ser executada uma sentença contra moradores do bairro. O capitão Lourenço Marques desloca-se aí na disposição de manifestar a sua discordância da sentença. Gera-se confusão e começa a ser tratado de "fascista, fascista". É então que se mete no carro. Nesse momento uma bala atravessa o carro e vem enfiar-se perto do volante. Quem a disparou? Que mãos e intenções o fizeram?

Hoje, sabemos que mãos é que podem atingir o capitão Lourenço Marques. As da direita, que o têm ao seu dispor em Custóias e que não podem suportar quem está ao lado dos oprimidos contra os opressores.